

VIOLÊNCIA

"Eu num gosto de vê ninguém apanhá. Eu sei bem que dói demais. Apanhá prá machucar eu já apanhei... Duas vezes eu quase fiquei cega." A - 10 anos (menina)

"Pai bate muito ni nós. Bate é ni todo mundo; falta matá. Uma vez ele pegô mãe que se não fosse ..., ele tinha matado ela. Qualquer pau ele bate ni nós. Ele pegô C, deu uma paulada na cabeça dele. Outra vez ele rancô um pedaço nas costa dele. Quando ele saí da cadeia nós vão tá grande. Aí eu quero vê ele batê. Nós tão só "cubano" ele." B - 10 anos (menino)

"Nós apanha, viu, sô? Mãe quando num aguenta batê, manda o namorado dela; aí até que é melhor. Uma vez ele bateu no meu irmão até arrebentar a correia." D - 11 anos (menino)

"Onde eu moro os menino apanha prá valer, viu? Um dia, a mulher apanhô do marido dela, aí ele foi, pegô uma vara de toda grossura e bateu no filho dela até ele ficá azul. Os povo ficava olhando, mas se separasse eles tinham medo de ir preso." D - 11 anos (menino)

"Minino tem que apanhá. Até minha irmã de três anos apanha." A - 10 anos (menina)

"Vô batê, mas tem hora. Quando bate é de chicote da grossura do dedão, chicote de cavalo. Dói... Ele bate mais é no meu irmão, faz cada calombo nele." E - 12 anos (menino)

"Mãe? Mãe dá é tapa na cara. Faz raiva..." F - 12 anos (menina)

"Nós já apanhô de pau, mangueira, pedra, de vara. Tem mãe que joga o que tem na mão." A - 10 anos (menina)

"Quando eu morava na casa da minha vó era muito melhó. Ela não batia ni mim. Agora o (padrasto) não deixa eu nem comer direito. Bate ni mim com taboca. É muito mais ruim morar com minha mãe. Quando eu apanho na rua e chego em casa, ele bate mais." G - 13 anos (menino)

"Lá em casa pode tá tudo bão, mas quando meu chega, minha mãe manda até nós saí lá pra fora. Quando meu pai recebe o dinheiro lá no serviço dele, pára nos buteco tudo pra bebê. E quando chega lá em casa começa batê ni mim e na minha irmã pequena. Eu queria que ele não bebia nem batia na gente." H - 12 anos (menino)

"Um dia ela (mãe) pegô o chinelo rider e bateu ni mim até chegá mais não e depois deixô eu de castigo na cama." I - 9 anos (menino)

"Um dia ela (mãe) pegou uma espada de brinquedo, daquelas de plástico e bateu no meu irmão até subi calombo nas pernas e nas costa." J - 7 anos (menino)

"Um dia mãe bateu e depois pai começou a apertar a minha boca e colocô eu no chão, segurando a minha boca pra mim não chorar." L - 8 anos (menino)

"Tava eu e meu primo e tinha um homem sentado com dinheiro dentro de um chapéu. A gente falô pra ele do avião e ele oiô pra cima. A gente pegô e saiu correndo. Minha mãe, lá em casa quando falaro pra ela, pegô uma corda e amarrô as minhas pernas no pé de manga e falô que ia deixá eu cinco dias lá. Os homem viu e chamô a polícia." G - 13 anos (menino)

"Mamãe e papai é bravo demais... Se falar que tem de ser uma coisa tem de ser. Grita e bate muito. Agora todo mundo tem medo. Nós fica quieto. É por isso que quando cheguei aqui, quase nem falava e falava baixinho era de medo. Eu sei um tanto de coisa boa e ruim, mas tenho medo de apanhar, por isso não falo quase. Mamãe dá um tapa, a gente voa, nem precisa de nada pra bater." M - 8 anos (menino)

"Papai bate muito. Dá chute, murro, bate com a fivela do cinto, joga as coisa - cadeira, pedra, vasilha... Mamãe briga com ele, mas ela também bate. É só algum vizinho ou professora fofocá. Os vizinhos sempre fofoca e a gente apanha. Quando entrei no projeto, meu cabelo era grande, eu gostava muito dele. Só pra pirraçá, papai cortô com navalha, fez um monte de caminho de rato e raspou um pouco. Fiquei com muita vergonha de vim, agora tá crescono." N - 9 anos (menino)

"Mamãe falou assim: 'Toma, toma, toma, quéta, tá bão? Toma mais!'. Ela bate com corqué coisa. Um dia me bateu com aquele martelinho de bater carne. Foi na cabeça, fez um buraco, saiu muito sangue. Todo domingo agora, pai olho nós pra vê se tem marca de coro. Se tiver briga com mãe. Tem dia pra ela batê e ele não descubrir." O - 8 anos (menina)

"Lá em casa eu apanho é só de muro na cabeça., tapa na cara e chute nas costa e nos rins. Não apanho de vara nem de chinelo. Qualquer coisa pai me bate. Ele só me chama assobiando igual um bicho, mamãe fala." P - 9 anos (menino)

"Mamãe não escolhe, bate de faca, chicote, murro, pau. Quando tá cansada manda outra pessoa batê, igual fez o meu padrasto que mora com ela agora. Ontem mesmo eu tava olhando o nenê. Ela me pegou de faca, porque ele chorou na hora da novela que ela gosta. Ela me deu uns murros e jogou a faca, só que acertou no nenê. Não machucou ele, nem saiu sangue." Q - 9 anos (menino)

"Vovó bate muito. Ela é muito brava e gosta mais de batê na rua... Se gritá é pior. ela bate de pau, cipó, vara, A gente tem de ficá quieto. Ela sempre bateu nos meus tios, agora eu apanho dela e deles também. Tem dia que só de ir vê os meninos jogá bola ela me bate." R - 8 anos (menino)

"Ah, lá em casa é fazer alguma coisa que não agrada, o côro come. Agora mamãe inventou de batê na gente com fio de luz que num tem jeito. Antes pelo menos tirava o arame, agora bate com arame e tudo, às vezes só com arame.

Quando num tem fio, é com toco de lenha, joga faca, fivela de cinto, tira sangue na gente. Eu nem ligo. Eu atento mesmo, é bom pra consertar." S - 9 anos (menino)

"Ih, todo dia eu apanho, mamãe bate de mangueira. Ela deixa ela no sol e depois molha pra ficá mais dura. Papai é mais ruim, bate até dá marca pra todo mundo vê. Já me bateu de sair sangue com correia." T - 9 anos (menina)

Eu apanho mais é na escola. É puxão de orelha, beliscão e empurrão na parede. Eu não ligo. Papai bate também com sapato, dói muito." U - 8 anos (menino)

"Papai sempre bateu ni mim. Acho que não gosta de mim. Xinga de nome feio e briga à toa comigo pra mamãe ficá com raiva. Agora ele foi embora, tá melhor. A professora também me bate, joga na mesa, dá empurrão, senta a régua. Me dá uma raiva." V - 8 anos (menina)

"Nossa! Papai bate demais. Mamãe até chora. Ele pega e bate até cansar. A gente não faz nada pra não apanhar; tem medo. Ele fala que 'homem não chora', mas se sente dor, cumé que faz?" X - 9 anos (menino)

"A professora tava com raiva lá da casa dela, daí deu um tapa na cara do meu colega que ficou branco de giz e depois vermelho e inchado. Ele não contou pra mãe dele." M - 8 anos (menino)

"A tia quando não gosta de alguma coisa, pega a gente e joga na parede, põe pra cheirar pó de giz." O - 8 anos (menina) / Q - 9 anos (menino)

"A professora jogou o apagador na cabeça do menino que fez um galo. Ela puxa a minha orelha, parece que vai rancar. Uma vez ela despregou a orelha do meu colega. A mãe dele foi lá na escola." N - 9 anos (menino)

"A tia xinga de feio, bate na cara, dá beliscão, puxa cabelo. Tem menino que ri." Z - 9 anos (menina)

"Menino a gente traz assim: de rédea curta. Qualquer coisa o tapa come. Se assobiou tem que vim na hora, uai, não respeita não, apanha." Pai de P (menino de 9 anos)

"Olha, minha fia, eu bato mesmo, não precisa falá nada que eu bato. Eu crio assim. E bato uma vez só, mas bato direito, prá ficá quieto." Avó de R (menina de 8 anos)

"O regime lá em casa é militar mesmo." Mãe de M (menino de 8 anos)

"Menino não pode tê muita conversa não. Falou uma vez, não fez, bate pra não tê de falá de novo." Pai

"Filho meu eu corrijo, bato mesmo, mas não aceito ninguém querer corrigir." Mãe de A (menina de 10 anos) e N (menino de 9 anos)

"Eu num gosto de apanhá não. Eu corro de mamãe, porque dói." AA - 13 anos (menina)

"O pai da AA pega é de piraí (chicote de cavalo) e ele não tem dó não. Enquanto num desmaia ele num pára." BB - 12 anos (menina)

"Nós num faz nada com ele; é mamãe que fica falando um tanto de coisa com ele e ele fica com raiva." AA - 13 anos (menina)

"Eu tava xingando a mãe. Ela tava na rua lá, bêbada. E eu fiquei falando assim: 'É mãe, senhora só presta pra bebê'. Ela foi e pegô eu lá na rua e foi batendo ni mim até lá em casa de mangueira. Eu falava que ia saí de casa, mas eu ficava com medo. Eu fiquei com uns calombo." BB - 12 anos (menina)

"Eu apanho da minha mãe, às vezes, quando eu atento ela, mas eu não corro do meu pai porque ele me bate até eu desmaia ou fazer xixi na roupa." AA - 13 anos (menina)

"Quando nós era menor, minha vida era mais ou menos boa. Pai saía comigo, minhas irmãs. Ele bibia divagazinho. Mas depois ele começou a bebê muito. Aí ele maltratava muito a gente, minha mãe. Ele já apontou faca, canivete. Pra mãe ele avançava nela de faca. Ela nem podia falá nada, porque ela tinha medo dele, porque ele batia nela. Ela contava pra polícia e ela (polícia) não fazia nada." CC - 15 anos (menino)

"Ele já bateu demais ni mim. Aí eu saía de casa e saio até hoje. Tem hora que eu já saio nem sei porquê. Tem vez que eu saio prá descansá, pra livrá da zueira que ele fica fazendo. Aí na hora que eu quero voltá, eu num tenho coragem. Eu fico com medo e aí num volto." CC - 15 anos (menino)

"Ele bate na gente de vara de goiaba, roseira. Enquanto ele num quebrava o pedaço de pau na gente, ele num parava de batê. Toda vez que ele bate ni mim ele me machuca. Marca a gente, tira sangue." AA - 13 anos (menina)

"Num gosto de apanhá não, é ruim. A gente fica marcado pra sempre." DD - 11 anos (menina)

"Quando a gente tá apanhando sente muita coisa, ódio, porque é ruim. Ninguém gosta de apanhá." EE - 13 anos (menina)

"Mãe quando ia me defendê, ela apanhava também. Ela falava pra ele num batê mais, porque ele ia acabá me matando." CC - 15 anos (menino)

"Cada mês eu ganho um coro. Minha mãe vai ajuntando e depois dá um; bate com qualquer coisa. Eu apanho também, mais é porque eu corro dela." FF - 12 anos (menina)

"Minha mãe estes dias bateu ni mim porque eu xinguei ela de nome feio. Eu subi numa árvore e ela espero eu descê pra mim pegá." DD - 11 anos (menina)

"Papai só vem no final de semana para casa e ele me deu um murro na cabeça só porque eu calcei o tênis que eu tava querendo e não o que minha mãe mandô."

GG - 13 anos (menino)

A - Patrícia (10 anos)

B - Edson (10 anos)

C - Udson (12 anos)

D - Julimar (11 anos)

E - Hélio (12 anos)

F - Viviane (12 anos)

G - Lucas (13 anos)

H - Wanderson (12 anos)

I - Caio (9 anos)

J - Eberton (7 anos)

L - Ailton (8 anos)

M - Emanuel (8 anos)

N - Clayton (9 anos)

O - Janáina (8 anos)

P - Thiago (9 anos)

Q - Vagner (9 anos)

R - Ívisson (8 anos)

S - Lourimar (9 anos)

T - Juliana (9 anos)

U - Danilo (8 anos)

V - Helenice (8 anos)

X - Sidney (9 anos)

Z - Cristiane (9 anos)

AA - Vânia (13 anos)

BB - Rúbia (12 anos)

CC - Édson (15 anos)

DD - Ângela (11 anos)

EE - Paula (13 anos)

FF - Cláudia (12 anos)

GG - Alex (13 anos)

INTRODUÇÃO

"Ontem mamãe rancou o couro de ... no chicote. Coisa boa! Quem manda fazer gracinha."

Falas como estas sempre foram constantes no nosso dia-a-dia. As crianças e adolescentes chegavam ao Projeto "Ser Criança", em Curvelo/MG contando casos de violência. O que mais nos assustava era a naturalidade com que falavam e encaravam estas situações. O espancamento, as surras e agressões não eram vistos, nem sentidos, como coisas absurdas, desrespeitosas, para eles.

A autoestima era tão pouca que rir do puxão de orelhas ou da "varada" que o colega ganhou da professora, ou da surra que o irmão ganhou da mãe, era bem normal.

Resolvemos então transformar o tema violência em "problema" e enfrentá-lo, de frente e de forma mais sistematizada, envolvendo nossas crianças, adolescentes e seus pais.

Assim como trabalhamos temas como solidariedade, cidadania, escolarização, criatividade, etc., elegemos a questão da "violência contra as crianças" em mais uma área de trabalho educativo e institucional.

Durante um certo tempo nossas conversas nas "rodas", nos pequenos grupos, giravam em torno dos depoimentos das crianças e adolescentes sobre os maus tratos sofridos em casa, nas escolas, nas ruas.

Pedimos-lhes que escrevessem e/ou desenhassem, colocando no papel tudo o que acontecia com eles ou em suas casas, ruas e escolas. Ficamos assustados, primeiro, pela quantidade de desenhos e depoimentos feitos (o que apresentamos, anexo, é apenas uma pequena mostra); segundo, pela forma, até lúdica, como a maioria das crianças fazia esta atividade. A partir daí intensificamos nossas conversas sobre "violência X respeito" nas rodas e nas reuniões com os pais.

A maioria dos pais pensa que educar significa ter de espancar e que respeito se consegue com chicote. Poucos, no início, se sensibilizaram com os depoimentos escritos e desenhados por seus filhos.

Estamos em processo de intervenção nesta realidade. Em estado de alerta. Os resultados são ainda pequenos diante de tantas e variadas formas de violência a que estão submetidos crianças, jovens e adultos, pobres, marginalizados e

excluídos, mas o que já se conseguiu é um grande alento. A cada dia nos convencemos que é possível mudar este quadro.

Já se percebe uma melhoria significativa. Algumas crianças surradas constantemente já não chegam mais no Projeto com as marcas e os hematomas das agressões. Outras formas de violência como a ausência absoluta de afeto e de carinho, a falta de comida e a fome crônica, a exploração do trabalho, ainda são comuns.

Estamos, pouco a pouco, minando e quebrando esta estrutura de opressão, discutindo séria e educativamente a questão, como tomando medidas concretas de enfrentamento contra as arbitrariedades e as variadas - ostensivas e sutis - formas de violência contra as crianças e os adolescentes participantes dos Projetos "Sementinha" e "Ser Criança". Acreditamos que a continuidade deste trabalho, rotineira e educativamente executado, provoque se não a reversão completa do quadro, pelo menos o estancamento por parte dos pais e de professores desta prática indecente.

Respeito humano não é uma qualidade, mas uma obrigação e um direito de todo e qualquer indivíduo, criança, adolescente ou adulto.

PS - Se, infelizmente, algumas de nossas crianças morreram por causa dos maus tratos e da violência dos adultos, esperamos que com o nosso trabalho e em futuro breve, não mais contabilizemos mortes com este atestado: "causa mortis: violência"

Lucimeire S. Coura Sebastião Rocha

Supervisora/CPCD Presidente/CPCD

"Q", 9 anos, sempre foi um menino que gostava de agradar as pessoas. Numa manhã de maio de 1994, ele chegou ao projeto com um pacote de biscoito, oferecendo para todos. Daí a pouco, subitamente, seu padrasto entra, começa a arrastá-lo e bater nele diante das outras crianças e dos adultos, dizendo que ele havia roubado seu dinheiro.

Após socorrê-lo, denunciemos na polícia agressão física e a forma imoral como o garoto foi tratado. O padrasto foi a julgamento por este episódio e condenado pelo ato desrespeitoso e violento a que submeteu seu enteado.

"Q" representa uma parcela do grande número de crianças que são tratadas de forma violenta, mas, infelizmente, as denúncias e os resultados obtidos são porcentagens muito pequenas neste universo.

Se "O" estivesse viva teria hoje 9 anos. Assim como em vida, a morte dela aconteceu de forma bem violenta. A irresponsabilidade e o descaso da mãe resultaram na perda trágica da vida de "O" e mais duas irmãs.

Elas tinham ido a um córrego, condenado por sua periculosidade, com a mãe e esta deixou que as filhas ficassem sozinhas e saiu para beber com seus companheiros. Avisada da queda das três filhas no córrego pela filha de 6 anos, a mãe simplesmente disse que não havia chamado ninguém para acompanhá-la. Só depois de muitas horas outras pessoas ficaram sabendo e foram procurar as crianças que já se encontravam mortas.

Vender a comida destas crianças (que o pai dava), espancá-las, não dar assistência nenhuma, foram algumas das atitudes da mãe de "O" enquanto esta esteve viva.

Hoje, as 3 meninas estão mortas e a mãe viva e vivendo da mesma forma que antes. A impunidade prevaleceu.

Não sabemos ainda quando os seus direitos sairão do papel, mas temos esperança que o Estatuto da Criança e do Adolescente possa um dia possibilitar uma vida mais digna e humana para elas.